Amor Perfeito
O romance da Sulamita e o pastor

Heitor de Assis Chierentin

Amor Perfeito – o romance da Sulamita e o pastor
Autor: Heitor de Assis Chierentin

N0 de Registro: 573.340
Livro: 1.094
Folha: 411
EDA/FBN

Prefácio

Amor Perfeito é um drama romântico baseado em *O Cântico de Salomão*, conforme a Bíblia Sagrada, contudo, em uma versão adaptada, fantástica e secular.

A trama envolve seus protagonistas: o rei, a camponesa sulamita e o pastor, num roteiro paralelo ao original, todavia numa ficção enigmática e repleta de surpresas. Como um único poema, composto em 46 cantos, utiliza 4 modelos métricos diversos, sendo um para cada protagonista e outro para a narrativa, revelando a própria métrica, associada ao vocabulário, o perfil de cada personagem.

Fugindo do contexto histórico-geográfico, o desenrolar do drama ignora a exatidão dos fatos. Apela para o imaginário por meio de inúmeras alusões, bem como referencias indiretas, bíblicas e literárias, fixando assim seu teor filosófico e poético. Traz inclusive significação particular ao próprio autor. Em seu simbolismo, o uso da flor temática do amor-perfeito é recorrente. Também o é o caráter tríplice nos personagens, objetos e significados. Tal simbolismo não remete a qualquer sentido religioso ou místico. Ao contrario, remete a inteireza, pureza e plenitude matemática, espacial e sentimental. Assim alcança o amor a sua perfeição.

Desejo sinceramente que o leitor se perca nas linhas desse meu poema, porém, encontrando sentidos e sensações novas para si.

Heitor A. Chierentin

Cantos

Canto I – Prelúdio
Canto II - A Jóia da Grinalda
Canto III - A Pobre Camponesa
Canto IV - O Pegureiro Solitário
Canto V - A Procura
Canto VI - Jardim Edênico
Canto VII - A Jornada do Pastor
Canto VIII - A Mesura do Amor
Canto IX - Momento Semente
Canto X - O Cortejo Virginal
Canto XI - Olhos Amendoados
Canto XII - O Congregante
Canto XIII - A Donzela
Canto XIV – Empolgação
Canto XV – Afinidade
Canto XVI - A Camponesa e o Pastor
Canto XVII - A Sulamita
Canto XVIII - O Toque
Canto XIX - O Coração
Canto XX - Os Botões do Amor
Canto XXI - O Assalto da Saudade
Canto XXII – Alcoviteiras
Canto XXIII - Cheio de Mistério
Canto XXIV - Juras de Amor
Canto XXV – Desventuras
Canto XXVI - A Casa das Mulheres
Canto XXVII - A Liteira Imperial
Canto XXVIII – Cantadas

Canto XXIX - Amargo Absinto
Canto XXX – Maná
Canto XXXI - A Proposta
Canto XXXII – Dúvidas
Canto XXXIII - Arco-Íris
Canto XXXIV – Turbilhão
Canto XXXV - Pelo Verdadeiro Amor
Canto XXXVI - Três Colares
Canto XXXVII - O Sacrifício
Canto XXXVIII - A Lei Dourada
Canto XXXIX - Pepita Áurea
Canto XL - O Raptor
Canto XLI - O Casamento
Canto XLII - A Revelação
Canto XLIII - A Muralha
Canto XLIV - A Surpresa
Canto XLV- Amor Perfeito
Canto XLVI – Poslúdio

Canto I – Prelúdio

Lá do imaginário distendido,
Das entranhas duma ignota terra
E dum pretérito indefinido,
Onde a sentimental alma encerra
Sonhos, desejos, dentro do peito,
Iam corações na doce espera
De usufruir dum amor perfeito.
Eram bem jovens, na flor da idade,
Volvendo-se enfim ao mesmo pleito–
Viver do amor a felicidade.

Canto II – A Jóia da Grinalda

Um jovem imperador almeja a esposa ideal e compõe um cântico.

Ora, em busca da felicidade
Lá estava um jovem imperador,
No topo de sua faculdade,
Que por então reinava qual senhor,
Tendo herdado o trono em usufruto
De um país de que agora era mentor.
Lá estava nos jardins – seu reduto –
Em seu costume de filosofar,
Sentado contemplativo, arguto,
A em proposições se aventurar.
Mas seu espírito se contrista
Por sua necessidade de amar.

Chama junto de si um copista
Que ligeiro traz um cheio cesto
De rolos novos. O rei em vista
Disso começa a ditar seu texto:

"Pelas entrelinhas deste já tecido
Momento presente, tão apropriado,
E, me valendo do tear semântico,
Principiará meu versejar saído
Por exprimir o que tenho meditado
Na complexa procura do meu sentido.
De permeio ao dramatizar romântico
Entretecerei o pontuar visado
Nas linhas dum superlativo cântico.

Penso às vezes que no páramo profundo,
Longe da ciência e do alcance terreno,
Paira um silêncio em submissão respeitosa
À Excelsa Mente de que o tudo é oriundo.
Lá onde reside o Arquiteto Supremo
Sustentam-se leis que sustentam o mundo.
E nas correntes dessa via leitosa
Regiram esferas ao mando do aceno
Do Criador da engrenagem engenhosa.

No sincronismo duma lógica dada
Constelações se atrelam ao eixo central –
A diva força que cada orbe reúne.
No determinado tempo surge cada
Elemento do espetáculo sideral,
Cada estrela no dado ponto postada.

Enfim, pois, agora o meu tempo se assume
Para que me apareça a esposa ideal.
Que, então, não se demore : '*Talitha cumi*!

Que te levantes, donzela, estrela d'alva,
Para ocupar o teu posto em minha altura.
Para brilhar em meu céu, *Talitha cumi*.
Serás a principal joia da grinalda,
Pedra angular de toda a minha estrutura,
A conviva prima da festa mais lauta.
Serás alvo do meu cuidadoso ciúme,
O mais caro objeto de minha cultura.
Apareça, donzela, *Talitha cumi*!'

Canto III – A Pobre Camponesa

Uma camponesa solitária espera por um grande amor. Chora e escreve sua oração.

Naquela noite de lua nova
A virgem núbil gemia silente.
Na gruta escura de sua alcova
Choro emanava secretamente.
Nas sombras de seu rosto desciam
Lágrimas tão abundantemente
Que em salobras gotas fruíam
Suas mágoas e seus nobres desejos;
Molhando-lhe a veste, lhe escorriam.
Foi quando num gesto, num lampejo,
E na singeleza de donzela,

Encontrou da luz o apetrecho
Que procurara às apalpadelas.
A lâmpada acesa brilha e doura
Um prateado pingente. Revela
O colar de prata que entesoura
No pingente a forma de coração.
Tendo um pergaminho por lavoura –
O seu diário de cada estação-
Diurno ante o sol da lamparina,
Frutifica fértil cada expressão,
Toda a sua emoção feminina:

"Se acaso o Deus eterno
Colecionasse com carinho no seu odre
As vertidas lágrimas dessa moça pobre
E, então, de modo terno,
Escrevesse todas as angústias num livro,
Também as minhas ilusões das quais me livro...

Eu sinto tanto frio
Dentro de mim, minguando - pobre camponesa -
Na imensidade chata de tanta incerteza,
Como a lua no vazio
Brilhando apenas por que se sente obrigada,
Se sente a solteira carente e mal amada.

Está álgida a lua...
E que seria dela sem um astro que em prol
De toda a terra brilha, sem o calor do sol?
Está opaca e atua
Com um sorrir forçado no triste cenário.

E dorme apagada num quarto solitário.

Oh Deus, tem piedade!
Senhor, clemência! Que, por favor, te disponhas
A poupar esta tua serva das vergonhas
Da esterilidade,
De minha honra ter às pressas violada
Ou de por um varão jamais ser desposada...

Estas lágrimas de dor
De solidão que lanço sejam simplesmente
Semeados grãos em teu peito, Deus clemente,
Sementes dum grande amor
Que surja, que arvore conformado a teu jeito
E cresça especial tal como um amor perfeito.

Desses-me tal certeza...
Pai amoroso, como eu seria então feliz...
Ser esposa dedicada como sempre quis!
Desses-me tal certeza...
A promessa, a esperança, de encontrar alguém
Para amar, para cuidar e me entregar também...

Desses-me uma chance...
Eu amaria a ele de todo o coração
E lhe renderia toda a minha devoção.
Desses-me uma chance...
Pois uma única seria suficiente
Para transformar-me em tua serva contente.”

Canto IV – O Pegureiro Solitário

Um jovem pastor, em sua solidão, fala consigo sobre sua carência por um verdadeiro amor.

Assim também por aqueles dias,
Só, errava o moço pegureiro
À procura de uma companhia,
À procura do amor verdadeiro.
Buscava relva em cada planície,
Buscava pasto – madrugadeiro.
Conduzia o rebanho em meiguice
Por cada outeiro na soledade;
Com ele os sonhos da meninice
Carpidos no plano da vontade,
Crescidos no terreno do tempo,
Atingindo então maturidade;
Guardava desejos ao relento,
Pastando-os no verde de seu peito.
Esperaria da terra alento
Que brotasse qual amor perfeito:

"Ah! Coração! Acorda, coração!
Desperta como esse sol de estação
Que preguiçoso tenta se mostrar entre a neblina.
Saia coração como um menino
Em puerícia – que desatino!
Saia, mancebo, a receber a brisa matutina!

Eu saio cedo, peito e dorso nu,
Olho ansioso, miro o céu azul.

Vejo o cintilar flamejante nas gotas de orvalho.
Penso em poesia, em cantilena.
Torno inspirado de volta à pena
E a terminação do inverno se faz de cabeçalho.

O sopro da brisa acaricia
Minhas costas e já principia
Uma carência aprofundada por minha solidão.
E a manhã tinge a braquiária de ouro
Como inflama o moço casadouro
Ao arder no peito o despertar duma nova paixão.

Quem é este menino do campo?
E quão solitário esse seu canto!
Sou eu em abatido e angustioso solilóquio.
Quem este é que tão se excetua
Dos poetas (não quer ver a lua)?
Sou eu aqui travando com as ovelhas colóquio.

São noites e noites de solidão
A esmo no frio e na escuridão.
Sob chuvas invernais me congelo na solitude.
Noites de vigília na esperança,
Na espera do verão, da bonança,
Do germinar de meus sonhos de amor... Que Deus ajude!

Tudo o que eu mais queria era encontrar
A minha amada alma-gêmea, meu par,
Para sonhar e viver, caminhar a vida inteira;
Andar pelos bosques de mãos dadas;
Ah! Pelas noites enluaradas

Comprazer na presença duma amável companheira!”

Canto V – A Procura

Um amigo incentiva o pastor a procurar por uma pretendente pelas cidades e vilas do reino.

Habitualmente, num dia de estio,
Madruga o jovem pastor no campo
Onde à sua grei já provera pastio.
Na direita tem a lira enquanto
Com sua esquerda mexe um cozido.
Evaporam-se aromas – um canto –
A perseguir o faminto ouvido
Dos companheiros de pastoreio,
Quem pelo cheiro for atraído.
Cada alma pastoril traz no seio
Saudades e paixões – tão diversas! –
Perdidas com o gado em passeio,
Que se alimenta duma conversa;
Sob o firmar da alegre matina
Na amizade a solidão dispersa.
Em roda, no meio da campina
Verdejante encontram nutrimento
Musical no pastor que os anima.
Concluindo esse entretenimento,
Um co-pastor dos mais achegados
Dirige-se ao jovem e diz: “Há tempo,
Meu caro amigo, dias magoados,
Que empático teu lamento sinto

E vejo o teu andar ressabiado.
Caro amigo, em tua dor não consinto."
Torna o jovem pastor: "Grande amigo.
Em meu lírico cantar eu finjo...
Eu disfarço o que trago comigo –
Um desabafo! Sinto-me tão só,
Abandonado. É como um castigo!
Falta-me alguém pra amar. Tenha-me dó!"
Torna o co-pastor: "Na realidade,
Caro amigo, pra desatar teu nó:
O Pai Amado da humanidade,
Pelo amor que tens por cada ovelha,
Render-te-á possibilidade
De entrares em jugo à mesma relha
Na vida, compensará teu agir."
"Oh, amigo, te dê Deus orelha,
Pois fatigado estou de me exaurir
Na ermidão de passadas desditas.
Do romantismo estou a desistir."
Torna o amigo: "Que tu não desistas,
Pois que o Bom Deus de ti se lembrará."
"Pois que seja, amigo, como ditas!"
Completa o jovem pastor: "Se isso há
De realizar nosso Senhor... então
Só quero alguém pra amar... ela herdará
Para sempre todo o meu coração..."
O peso fundo de palavras tais
Marcou o silêncio de compreensão,
Que pouco depois por outras iguais
Quebrou-se, pela brilhante ideia
Dada pelo amigo dele ir atrás

De pretendentes por cada aldeia.
Diz o co-pastor: "A tua futura
Esposa que tua alma ora anseia,
Uma desejada virgem pura,
Nas cidades será encontrada.
Portanto, amigo, saia à procura."
Ponderando na sugestão dada,
O rapaz retruca: "Minha vovó –
Que Deus a tenha mui bem lembrada –
Dizia: 'Mal conjugado, antes só'
E, depois, por um pleno arremate,
Com todo o juízo prudente de avó
O que carrego como verdade,
Que 'o verdadeiro amor não se dá
Muito com os ares da cidade.'"
"Amicíssimo, por favor, não vá",
Contra-argumenta ainda o co-pastor,
"Generalizar, mas, ao invés, vá
Junto da messe do Bom Provisor.
Sua boa vontade na respiga
Obterás. Recolherás do primor
Temporão duma opulenta espiga.
Além do mais, daqui à capital
Mais duma centena é conhecida
De povoados e vilas, cada qual
Tendo uma praça e seu centro urbano,
Bem como comunidade rural.
Na época da sazão o tirano,
Nosso rei, como 'Senhor da terra',
A comemorar os frutos do ano,
Tradicionalmente nele encerra